

Meios e Fins na Estratégia do EZLN

Diego Marques Pereira dos Anjos

Há nas formulações e práticas zapatistas uma clara definição das formas de agir, e também, de não agir. No início foi a decisão pela guerra, seguida pela decisão de não tomada do poder Estatal; depois vieram as ações, repetidamente afirmadas, de caminhar junto com setores da sociedade civil; logo surgiu a necessidade de articular a luta de Chiapas com o contexto nacional, criou-se espaços de convivência e intercâmbios com outros grupos e indivíduos, os encontros intergalácticos, enfim, o EZLN foi bastante criativo na formulação de propostas e encaminhamentos de ação, daí que soube eficazmente romper com certos paradigmas.

Contudo, esta mesma criatividade em desenvolver formas de ação não foi acompanhada, de perto, pela formulação de um sentido final de sua ação, por um objetivo maior que dê razão de existência e de ser da própria luta. Mas e a luta pela democracia, liberdade e justiça não é um fim dado às ações? Sim, ela é, mas o que inexistente é o pensar sobre quais são as condições histórico-sociais em que elas se dariam, dito de outra forma, que tipo de sociedade possibilitaria a existência dessas demandas?

O EZLN vem construindo novas relações nas suas comunidades, os projetos de autonomias representam exemplos de inúmeros pontos positivos que algumas de suas atividades possuem, mas de modo geral inexistente um fim último. Assim, algumas ações do EZLN ficam deslocadas ou mesmo contraditórias não só se se quer romper e ir além da lógica da atual sociedade, mas mesmo na relação que constrói consigo mesmo. É sob esta ótica de avanços e recuos que consideraremos a dinâmica que o movimento vem construindo.

Acreditamos haver uma reformulação fundamental nos discursos e práticas do EZLN. Reformulação que muitos, sem perceber, apressadamente se reportaram a afirmar a existência de uma ruptura radical com o paradigma da modernidade Ocidental, especificamente uma posição, o marxismo, ou mesmo identificaram uma guerrilha pós-moderna, onde a questão da superação da atual sociedade não estava dada, apenas em uma eterna luta entre a rebeldia/resistência contra as relações de poder. O que tomamos aqui como ponto de partida, é a afirmação de Figueiredo de que o EZLN demonstra “seguir o princípio segundo o qual os meios determinam os fins” (FIGUEIREDO, 2003,

p. 203), isto é, segundo este autor, o EZLN age reformulando e invertendo a lógica de os fins determinam os meios. Ora, esta é a lógica fundamental na estratégia política trotskista-leninista para a tomada do poder estatal, segundo Serge:

Para Trótski não há moral em si, não há moral ideal ou moral eterna. A moral é relativa a cada sociedade, a cada época, relativa sobretudo aos interesses das classes sociais; (...) apoiando-se em Lênin, Trótski declara que “os fins justificam os meios (SERGE apud VIANA, 2007a, p. 65).

Assim, se partimos da consideração de que existe esta reformulação na estratégia zapatista podemos nos posicionar criticamente à concepção de Di Felice, para quem haveria “7 deslocções”¹ efetuadas pelo EZLN onde:

Não se pode enquadrar a marcha indígena zapatista no conjunto das manifestações de rua tradicionais ou nas marchas que percorrem longas distâncias para externar suas reivindicações. O que a diferencia das demais é o seu ser indígena, ou seja, estar fora da lógica política moderna e de suas características estáticas e binárias, campo/cidade, estado X sociedade civil, esquerda/direita etc. (DI FELICE, 2002, p. 29).

A riqueza de detalhes com que nos demonstra uma das características do zapatismo é um enorme passo, posto que Di Felice explica uma superação da estratégia política zapatista marcada pela “heterogênese e a multiplicidade” (DI FELICE, 2009, p. 31) com relação à estratégia política leninista, posto que esta se caracterize por haver uma separação binária sujeito/objeto², que a nosso ver produz e reproduz ahomogeneidade.

Há uma interpretação artificial do zapatismo que o reduz a um indigenismo que desde os primeiros comunicados busca ser combatido, e não somente nas apresentações, mas na real ação do movimento, marcada pela ligação com setores da sociedade civil, na busca por um projeto de transformação democrática para todo o território nacional, sentido que o movimento fez questão de deixar claro que as lutas pela autonomia não passam pelo desligamento da nação mexicana como um todo para formar ilhas de “seres

¹ Para Di Felice as deslocções seriam: 1º “Do êxtase para o movimento” que seria uma locomoção, “sair do „aqui e agora” para procurar o que não está (u-topos, utopia); 2º deslocção marcada pela saída “do „um” para o „sete”, do singular para o plural”; 3º deslocção seria o “além da polis” que, marca o caráter “majoritariamente indígena” do movimento impossibilitando uma aproximação com os demais movimentos sociais; 4º deslocção seria a “do poder para o desaparecimento” marcada pela recusa da tomada do poder estatal; 5º deslocção é a do “conflito armado para o comunicativo”; a 6º deslocção é a da “linguagem ideológica para a linguagem sincrética” expressa na busca de um mundo onde caibam vários mundos; por fim haveria uma 7º deslocção que significa a saída “da revolução para a ação temporária (da política da identidade dialética para a atuação sem rosto e sem nome) (DI FELICE, 2002).

² Segundo Holloway “Na teoria leninista do partido de vanguarda, as consequências organizativas da ideia positiva do conhecimento científico se desenvolvem a ponto de criar uma severa distinção organizativa entre os que conhecem (aqueles que têm consciência verdadeira) e os que não conhecem (as massas, que têm falsa consciência)” (HOLLOWAY, 2002, p. 191).

indígenas”, ao contrário, a intenção é justamente se fazer ouvir, serem vistos e lembrados pela nação mexicana o que implica aceitar as normas da “política moderna”, a qual o próprio movimento exaltou no momento de seu levante (auxílio ao artigo 39 da Constituição) e na própria marcha a que Di Felice se refere, já que o fim dela se deu na Casa da União, ou a sede do poder legislativo mexicano.

Em vez de “deslocações”, o que nos sugere um afastamento, consideramos que ocorreram reformulações, principalmente em relação a outros mecanismos históricos de desenvolvimento da luta de classes no capitalismo, tornando a estratégia política do EZLN peculiar aos novos tempos, isto é, está intimamente ligada às transformações trazidas com o advento do regime de acumulação integral. O leninismo foi uma forma, isto é, se constituiu por uma determinada ideologia difundida aos trabalhadores por uma determinada forma de desenvolvimento do capitalismo, no caso russo o capitalismo de Estado³; outras estratégias existiram, porém não ideologizada⁴, mas na forma de teoria do movimento operário.

A multiplicidade é uma característica, temos outras. A interpretação do conceito de autoridade é uma delas, criando formas de sociabilidades que se dizem menos autoritárias, mesmo em instituições que por essência são extremamente hierarquizadas e disciplinadas, como a forma de organização do CCRI, onde vemos seu principal representante no posto de subcomandante Marcos, que apesar de estar num cargo de mando (comandante militar) teve agregado à sua patente a qualidade de sub, isto é, manda porque obedece às bases nas comunidades⁵. A força da autoridade que assumiram os líderes da União Soviética e China é histórica, além da força do dirigente máximo, no sentido de coerção física, existia a força intelectual do líder, construindo até

³ Apesar de atentar para a inexistência de aprofundamento sobre a acumulação capitalista estatal Viana nos dá alguns elementos deste regime: “O regime de acumulação estatal marcava um engessamento do modo de produção capitalista através do controle estatal da acumulação, gerando um desenvolvimento tecnológico mais lento, uma mistura de extração de mais-valor absoluto e relativo, com primazia do primeiro, e com um processo de integração da classe operária muito mais deficiente, já que os bens de consumo não eram produzidos com a abundância que existe no capitalismo privado, o que é compensado com o caráter ditatorial do Estado e o controle burocrático do conjunto das relações sociais” (VIANA, 2009, p. 37-38).

⁴ A gênese da ideologia ocorre com essa separação entre trabalho intelectual e trabalho manual, pois com ela surgem os ideólogos. Esses irão sistematizar a falsa consciência, cuja existência é derivada das representações ilusórias da vida cotidiana, e dar-lhe-ão coerência, formando, assim, a ideologia (VIANA, 2007, p. 28).

⁵ Segundo Hilsenbeck em determinado momento foi necessário o afastamento do Exército Zapatista das funções administrativas, pois devido à sua estrutura de organização (hierarquias, medidas de segurança) “estava a criar situações não democráticas e rígidas” impedindo o avanço da livre participação nas assembleias (HILSENBECK, 2007, p. 212).

leis da dialética, como o fez Mao se Tung (VIANA, 2000).

Em relação à organização interna das comunidades zapatistas em suas decisões parece haver outra reformulação, que amadurecida e articulada com um projeto e tornada princípio constitui elementos para superação de limites, propondo uma real alternativa para as atuais relações de poder. A prática das tomadas de decisões a partir de assembleias em que todos podem participar.

Com o surgimento das Juntas de Bom Governo, que reúnem regiões sediadas pelos Caracóis, pretende-se superar os problemas levantados na construção da autonomia das comunidades tentando gerar integração entre elas (HILSENBECK, 2007). As JGBs procuram articular dois princípios políticos do EZLN, o primeiro é a importância da participação e, por conseguinte, a constante aprovação pelas bases dos seus representantes, e isto tenta ser feito de tal modo que as JGBs

São integradas por membros dos Conselhos Municipais Autônomos de sua zona (que são eleitos por assembleias comunitárias e integram as JBG pelo período de três anos). O cargo somente em ocasiões especiais é remunerado – como gastos com viagens pagas pela comunidade –, é considerado “serviço ao povo” e pode ser revogado pela comunidade a qualquer momento. As JBG a cada período são renovadas através da rotação permanente (o período dos representantes para comissões específicas pode ser semanal, mensal, dependendo do caso e a rotação se dá dentre os eleitos para os Conselhos Municipais Autônomos), e anualmente são elaborados informes sobre os assuntos tratados por estas instâncias regionais de governo. A rotação dos membros das JBG (que no geral não possuem estudos formais ou experiências prévias) constitui uma experiência singular de expansão de uma democracia fortemente arraigada com o princípio de responsabilidade com o bem público e de consciência coletiva, pois, para eles é o próprio desenvolver a ação de governar que traz consigo a aprendizagem, formando assim uma espécie de “escola de democracia”, em que centenas de pessoas de todo o povoado vão aprendendo com a própria experiência (HILSENBECK, 2003, p. 213).

Assim, o EZLN pretende se pautar pela busca de uma “representatividade real”, baseada no controle dos representantes, que segundo os zapatistas inexistem no sistema político Mexicano; estas práticas são expressas para Hilsenbeck como “uma mescla entre as formas de organização tradicionais indígenas, a democracia representativa e direta” (HILSENBECK, Idem, p. 200).

Outra transformação efetuada pelo EZLN é com relação ao entendimento de que existe uma multiplicidade de conflitos e opressões na sociedade capitalista que não podem ser ocultadas, ficando célebre o discurso no qual o subcomandante Marcos responde às acusações feitas por um jornal de que ele era um homossexual que trabalhou nos EUA, diante das críticas, Marcos revela sua verdadeira identidade:

Marcos é gay em San Francisco, negro na África do Sul, asiático na Europa,

chicano em San Isidoro, anarquista na Espanha, palestino em Israel, indígena nas ruas de San Cristóbal, chavo banda em Neza, roqueiro na CU [campus da UNAM], judeu na Alemanha, ombudsman na Sedena [ministério da Defesa], feminista nos partidos políticos, comunista na pós guerra fria, preso em Cintalapa, pacifista na Bósnia, mapuche nos Andes, professor na CNTE, artista sem galeria nem portfólios, dona de casa num sábado à noite em qualquer bairro em qualquer cidade de qualquer México, guerrilheiro no México do fim do século XX, grevista na CTM, repórter de notas de relleno em interiores, machista no movimento feminista, mulher sozinha no metrô às 10 p.m., aposentado durante um ato no Zócalo [praça central], camponês sem terra, editor marginal, trabalhador desempregado, médico sem praça, estudante inconformado, dissidente no neoliberalismo, escritor sem livro e nem leitores, e, seguramente, zapatista no sudoeste mexicano. Enfim, Marcos é um ser humano, qualquer, neste mundo. Marcos é todas as minorias intoleradas, oprimidas, resistindo, explodindo, dizendo já basta! Todas as minorias na hora de falar, e majorias na hora de calar e todos os intolerados procurando uma palavra, sua palavra, o que devolva maioria aos eternos fragmentados, nós. Tudo o que incomoda o poder e às boas consciências, isso é Marcos (MARCOS apud FIGUEIREDO, 2003, p. 206-7).

A própria concepção de ação conjunta com setores da sociedade civil que anteriormente falamos nos remete a esse princípio, o que desemboca noutra transformação efetuada pelo EZLN, a recusa de ser vanguarda, mesmo que seja das lutas indígenas: “hoje continuamos caminhando com todos os povos indígenas pelo reconhecimento dos seus direitos. Não como vanguardas e nem como direção, somente como uma parte” (4º DECLARAÇÃO); e tampouco dirigente da luta de classes, pois seus objetivos devem “refletir que somos uma força política que não almeja a tomada do poder, que não pretende ser a vanguarda de uma determinada classe, ou da sociedade em seu conjunto”⁶ (Declaração de princípios).

A recusa a ser vanguarda pelo EZLN na forma como foi feita se constitui como um típico exemplo que corresponde à nossa interpretação do EZLN, justamente as reformulações na estratégia política, sendo o enfoque nos meios, secundarizando os fins, seu traço mais marcante. O meio de ação juntamente com outras organizações é feito de uma forma pelo zapatismo que os fins ficam totalmente desfocados, contando com a participação dos outros movimentos, que na própria participação devem “convencer a maioria da Nação de que sua proposta é a melhor para o país” (2º Declaração), seja ela capitalista, comunista, democrata-cristã, em outras palavras, apesar de o EZLN ter um posicionamento crítico contra a sociedade capitalista, essa posição significa a renúncia de um projeto próprio, embora universalizante.

⁶ Apesar de este comunicado ser da época da formação da FZLN, não consideramos que haja qualquer diferença substancial dos comunicados do EZLN, ao contrário, somente uma reafirmação de seus princípios em aliança com os setores da sociedade civil.

Acreditamos que essas alterações que foram efetuadas pelo EZLN derivam de uma ruptura maior, que tem suas causas na especificidade Mexicana, o domínio hegemônico do Estado sobre as práticas políticas das várias organizações sociais: o país que sofreu com a chamada ditadura perfeita, dava as condições históricas e sociais necessárias para o surgimento de movimentos populares que negassem a própria dinâmica política e social pautada pelo predomínio do Estado. Dito de outra forma, acreditamos ter acontecido um “trauma” nos vários setores da sociedade mexicana, o que significou até mesmo uma repulsa em deixar para o Estado as decisões políticas; e sem esquecer obviamente o esfacelamento do projeto de desenvolvimento econômico que sustentou durante décadas o domínio do Estado sobre as proposições das classes patronais e trabalhadoras); Ressaltamos, também as mudanças no pensamento social de esquerda advindas desde a década de 60. A ruptura que aqui consideramos é a negativa de tomada do poder do Estado, objetivo maior dos movimentos influenciados pelo leninismo e variantes tais como trotskismo, estalinismo, maoísmo.

Desde a primeira Declaração da Selva Lacandona o EZLN deixa bem claro que seu levante não tem como objetivo tomar o poder do Estado para si, mas depor o ditador, e para tanto, precisam do auxílio dos “outros poderes da Nação” para “que restaurem a legalidade e a estabilidade da Nação” (1º DECLARAÇÃO). Para Hilsenbeck

Os zapatistas defendem uma clara recusa à forma de política enfocada no poder Estadocêntrico e, deste modo, eles se deslocam do paradigma que entendia a conquista do poder estatal como condição sine qua non para uma mudança radical da sociedade (HILSENBECK, 2003, p. 171).

Se o poder do Estado não é o objetivo, então é possível realizar novas interpretações e formas de ações políticas que não poderiam ser feitas a partir da lógica de conquista do poder do Estado, isto é, reformula-se a estratégia política. Segundo Holloway, partindo-se do objetivo de tomar o Estado:

O nacionalismo é um complemento inevitável da lógica do poder (...). Inevitavelmente, não importa em que medida a inspiração revolucionária esteja guiada pela ideia de revolução mundial, a ênfase em um Estado particular como o lugar do qual surgiria a mudança social radical implica dar prioridade à parte do mundo que esse Estado abarca sobre suas outras partes (...). Não obstante o quanto se defenda o movimento e sua importância, o objetivo de se conquistar o poder implica inevitavelmente umainstrumentalização da luta. A luta tem como objetivo conquistar o poder político. Aqueles elementos que não contribuem para se alcançar o objetivo são considerados secundários ou suprimidos em conjunto: estabelece-se uma hierarquia das lutas (...). No alto da hierarquia aprendemos a colocar aquela parte da nossa atividade que contribui para se “construir a revolução”; na base, localizamos frivolidades pessoais, como as relações afetivas, a

sensualidade, a brincadeira e o amor. A luta de classes se torna puritana (...). A luta está perdida desde o começo, muito antes de que o exército ou o partido vitorioso conquistasse o poder e “traísse” suas promessas. Está perdida uma vez que a lógica do poder se filtra no interior da luta, uma vez que a lógica do poder se converte na lógica do processo revolucionário, uma vez que o negativo da rejeição se converte no positivo da construção do poder (HOLLOWAY, 2003, p. 30-32).

Em síntese, Holloway quer dizer que o paradigma e a prática políticos que se baseiam na tomada do poder do Estado conduzem ao nacionalismo, à canalização da revolta, reprodução da lógica do poder, hierarquização e disciplinamento dos projetos; pelo que demonstramos acima a estratégia política do EZLN se caracteriza justamente como uma busca de romper com estes modelos de ação.

Porém, as reformulações que apontamos na estratégia do EZLN nos dão conta da existência de significados que vão além da mera alteração (os meios passam a determinar os fins) apontada por Figueiredo. Há claramente o problema de que os meios a serem utilizados na luta não foram acompanhados por um estabelecimento claro de quais serão os objetivos desta, sendo assim, consideramos que a reformulação passou não por uma simples inversão da lógica meios e fins, mas sim por uma secundarização dos objetivos a serem alcançados, o que entendemos que são as condições sócio-históricas que sucederão a sociedade capitalista.

Suas problemáticas são consequências de sua própria ação, e com isto queremos dizer que estão diretamente ligadas às suas superações, isto é, fazem parte de um mesmo movimento que se completa entre suas negações e afirmações; são as reformulações que praticaram geradoras desta contradição. Vejamos agora o porquê de para além de inversão, há predominantemente o enfoque nos meios utilizados.

A formação das autonomias aparece como um dos grandes projetos e experiências do EZLN. Realmente, este projeto consiste numa concretização de relações sociais que no contexto da sociedade mexicana são impensáveis, tais como a participação popular na escolha dos que, em termos zapatistas, mandarão obedecendo, a participação nas decisões das comunidades. Contudo, acreditamos que este projeto em si não se pauta pela negação do Estado reprodutor das relações de produção capitalistas, pois se se é autônomo é justamente em relação a alguém, quer seja por concessão ou por reivindicação, e esta é sempre uma relação que pode ser pautada pela autonomia ou não, dado que existe um foco, um núcleo que no fundo permite ou não a autonomia do outro. A autonomia é um início, mas deve ser acompanhada de ações que a expandam, não só

para comunidades vizinhas, da mesma região, mas deve se pautar pela própria negação da autonomia, ou melhor, pelo seu desenvolvimento que completado construa relações sociais que não necessitam da autonomia, mas esta será uma condição prévia da sociedade.

Outra questão problemática que vimos no EZLN é com relação aos partidos, e isto deriva justamente da sua relação ambígua quanto ao Estado, pois se se pode tolerar, ou conviver tacitamente com ele, então se pode tolerar, ou mesmo apoiar instituições que se aparentam progressistas. Depois de inúmeras demonstrações de contradição, o EZLN decidiu-se por não mais apoiar o PRD, principal partido da oposição Mexicana. Mas se decidiu em não apoiar mais este partido, ao passo em que apoiou inúmeros outros partidos pelo mundo. Se partimos das considerações de Tragtenberg sobre os partidos políticos:

Os partidos são dirigidos por castas, intelectuais e políticos profissionais. Não são democráticos, porque neles domina uma minoria dirigente com interesses específicos. Numa democracia política, o programa de cada partido somente é conhecido por uma minoria; a grande maioria só conhece slogans, palavras de ordem e promessas ambíguas. Numa democracia parlamentar, a decisão é tomada por uma minoria, que, assim sendo, se corrompe e decide em seu próprio benefício. A profunda incompatibilidade dos partidos da esquerda tradicional, sejam comunistas, socialistas, ou intitulem-se partidos dos trabalhadores, consiste em que o partido tende a ser o instrumento privilegiado de coordenação da revolução social. Fundamentalmente é um Estado em miniatura, com um aparelho e quadros cuja a função é tomar o poder e não destruí-lo. Consolidada a revolução, o partido assimila todas as formas técnicas e a mentalidade da burocracia (TRAGTENBERG, 2006, p. 98).

Entenderemos essas alianças como paradoxais, devido às próprias relações estabelecidas entre o EZLN e sua base social, principalmente no que toca à rotatividade dos cargos:

E agora estamos passando o trabalho de vigilância do bom governo às bases de apoio zapatistas, com cargos em esquema de rodízio, de tal forma que todos e todas aprendam e realizem este trabalho. Porque nós achamos que o povo que não vigia os seus governantes está condenado a ser escravo, e nós lutamos para sermos livres, não para mudar de dono a cada seis anos (6º DECLARAÇÃO).

Desse modo, “convivência” com partidos, mesmo que camuflados sob a pecha de “independentes”, e Estado, inibem a ação mais radical (no sentido de coerência e profundidade) do movimento, seja em suas práticas, quer seja em relação com o restante da sociedade. Assim, surgem práticas que podemos denominá-las de reformismo, dado que suas consequências não atingem a estrutura do Estado, dado que as classes

oprimidas não possuem poder de decisão, mas somente conseguem pequenas medidas e benefícios do Estado, ou seja, poder de reivindicação (VIANA, 2003).

Dessas problemáticas do EZLN acreditamos decorrer outra: a diluição de seu projeto de sociedade, não um projeto que seja imposto, mas que represente a afirmação dos interesses universais dos oprimidos pelo capitalismo. A recusa em apresentar este projeto universal de transformação social significou para o EZLN o abandono da projeção de um fim a ser alcançado, subsumindo nos meios que colocam em ação. A clareza de que existe uma diversidade de conflitos na sociedade capitalista não significa que todos os conflitos podem por em questão a reprodução da sociedade capitalista, como claramente pretende o EZLN, ainda mais depois do que vimos na 6ª Declaração. As alianças entre os diversos grupos oprimidos devem passar por uma contextualização, crítica e não simples aceitação, dado que podem confundir na própria ação e formulação dos objetivos do EZLN.

A questão fundamental é que a prática da transformação social deve estar embasada na consideração de que deve haver uma correspondência entre meios e fins e não o predomínio de um ou de outro (VIANA, 2007; VIANA 2000; SPARROW, 2009). Assim, consideramos que existe uma superação, um avanço na prática do EZLN e de suas bases sociais, as comunidades zapatistas e os grupos de apoio ao redor do mundo. O avanço consiste nas próprias mudanças que o movimento põe como necessárias para a transformação social, rompendo com paradigmas que dominaram as lutas dos trabalhadores durante quase todo o século XX: o principal deles é a recusa da tomada do poder do Estado. Contudo, não conseguem levar a questão adiante e param na recusa à tomada do poder Estatal, pois não formulam um projeto de negação/destruição deste instrumento de controle da classe dominante, logo, de reprodução das relações de produção capitalistas.

A seguinte consideração sobre a ética libertária e sua relação com os meios e fins é bem explicativa do que queremos falar sobre os avanços e problemáticas em que estão envolvidos os aderentes da causa do EZLN, o que quer dizer que não somente o grupo entra nestas contradições, mas que quase todos os que os apoiam também o fazem. Segundo Viana, “uma ética libertária não pode compartilhar com ideologias autoritárias e vanguardistas e por isso o que está em questão é uma busca radical de libertação humana e no qual os meios determinam os fins e, portanto, devem ser correspondentes” (VIANA, 2000, p. 142). Procuramos ao longo do texto demonstrar que

existe no EZLN uma negação à concepção de organização autoritária e do movimento querer ser a vanguarda das lutas sociais, porém, também demonstramos que inexistente no movimento um objetivo claramente definido, isto é, para onde levará as suas lutas, o que tem como consequências práticas sociais que não questionam a totalidade da ordem social estabelecida, ao contrário, enquanto formulam meios que lhes aparecem produtivos podem até conviver com esta ordem, mas de antemão avisados que serão testados a todo o momento.

Referências Bibliográficas

BRIGE, Marco; DI FELICE, Massimo (ORGS). VOTÁN-ZAPATA. *A marcha indígena e a sublevação temporária*. São Paulo: Xamã, 2002.

FIGUEIREDO, Guilherme. *A Guerra é o Espetáculo: Origens e Transformações da Estratégia do EZLN*. Dissertação de mestrado em Ciência Política - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2003.

GENNARI, Emílio. “*Terra e Liberdade!*” *O grito de Zapata corre o mundo Seleção de textos e comunicados do Exército Zapatista de Libertação Nacional 1994 – 1998*. Disponibilizado pelo projeto Xojobil.

HILSENBECK, A. F. *Algumas considerações sobre a relação do Exército Zapatista de Libertação Nacional com o Estado e a sociedade civil*. In: Simpósio Estadual de Lutas Sociais, 2, 2006, Londrina. Anais. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2006.

HOLLOWAY, John. *Mudar o mundo sem tomar o poder: o significado da revolução hoje*. São Paulo: Viramundo, 2002.

TRAGTENBERG, Maurício. *Reflexões sobre o Socialismo*. São Paulo: editora Unesp, 2006.

VIANA, Nildo. *A filosofia e sua sombra*. (2000) Goiânia: edições germinal.

_____. *Estado, democracia e cidadania: a dinâmica da política institucional no capitalismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2003.

_____. *Escritos Metodológicos de Marx*. Goiânia: Editora Alternativa, 2007.

Diego Marques Pereira dos Anjos

Graduando em Ciências Sociais pela UFG –
Universidade Federal de Goiás.